

“Ensina-me” uma nova perspectiva

Bruna Martins Nunes

Luciana Helena Mussi (monitora)

Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)

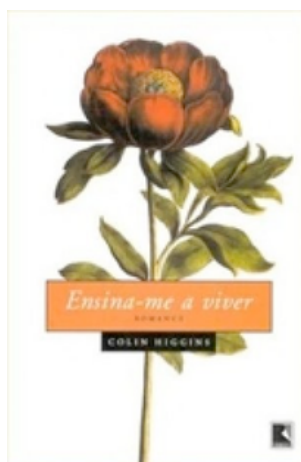
Definir é limitar

(Wilde, O., 1891: 296)

Vivemos em uma sociedade com estereótipos bem definidos relacionados ao jovem e ao idoso: como enxergam e vivem a vida; como lidam com situações; como se veem; etc. Na maioria das culturas, o jovem é sempre retratado como o detentor de grande vontade de viver, proativo, em busca de novas experiências. Em suma, ele é o “aventureiro conhecedor do mundo”. O idoso, quando visto por uma ótica mais positiva, costuma ser rotulado como o experiente, o sábio, o “mestre”. Quando o idoso é enxergado na ótica negativa, ele é o dependente esperando a morte, ou seja, ele é visto como um “encosto”.

Independente se analisarmos pela visão positiva ou negativa, o idoso possui uma imagem mais passiva frente à vida, enquanto o jovem, uma imagem mais ativa. O idoso já fez, o jovem faz. O idoso relembra, o jovem constrói lembranças ao viver o hoje. O idoso é o experiente que tudo sabe, o jovem é o inexperiente querendo aprender. Não importa em que situação se esteja observando, essa diferença e distância entre um e outro sempre existe, é encarada como “natural”, e chama pouca atenção da sociedade.

A obra



No livro *Ensina-me a viver* (1972), analisado nesse artigo, o autor Colin Higgins cria uma história inusitada para a época de seu lançamento e, até mesmo, para os dias de hoje. A obra trata da amizade entre Harold e Maude, um homem e uma mulher com uma grande diferença de idade: 60 anos.

Por meio do enredo construído por Higgins é possível perceber a quebra desses rótulos tão enraizados na sociedade. Construindo duas personagens tão díspares, Higgins nos faz refletir sobre o significado da juventude e da velhice, como ambas lidam com a morte e com a vida, e sobre as infinitas formas de se relacionarem.

Personagens

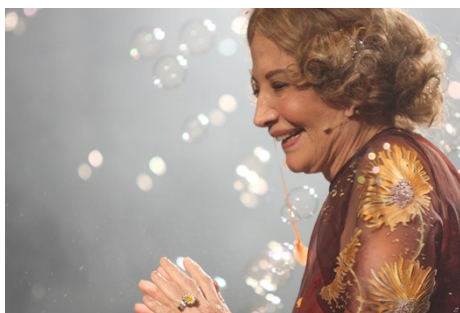
Conheça Harold



Harold, um rapaz de 19 anos, é totalmente retraído, obcecado pela morte. Mora com a sua mãe (Sra. Chasen), e seu maior passatempo é forjar seu próprio suicídio, com o intuito de atrair sua atenção. Além disso, adora frequentar velórios e demolições de carros, pois a ideia da finitude o agrada

demasiadamente. No contexto da narrativa, sua mãe arranja-lhe uma série de encontros às escuras, pois acredita que ele não seria capaz de arranjá-los sem ajuda, sem mencionar o fato dela já o considerar maduro o suficiente para construir um relacionamento.

Conheça Maude



Maude é uma pessoa muito idosa, de quase 80 anos, extrovertida, maravilhada pela vida. Como Harold, também adora visitar enterros, porém com uma visão totalmente diferente:

É tão divertido, não acha? É uma mudança completa. Tudo um grande círculo: enterros e nascimentos. O fim chegando ao começo e o começo, ao fim. O grande ciclo da vida. (HIGGINGS, 1972, p. 34)

Além disso, visita também berçários e gosta muito de aprender novos instrumentos musicais ou criar suas próprias “invenções”. Não acredita em propriedades, pois, segundo ela, “nada levamos depois da morte”.

Tal qual o título do livro, quando ambos se encontram, um ensina o outro a viver, partilhando seus infinitos, suas experiências, seus conhecimentos e seu amor. Juntos, vivenciam momentos nunca antes imaginados, cada um emprestando um pouco de sua realidade ao outro, e de seus conceitos e conhecimentos sobre o que é a morte e o que é a vida.

O ser e a finitude

Martin Heidegger (1889 – 1976), filósofo alemão que considerava seu método de pensamento fenomenológico e hermenêutico, em uma de suas grandes obras, *Ser e Tempo* (1927), disserta sobre a relação ser/morte - o ser como um “ser para a morte”. Como não podemos vivenciar a morte, pois só a vivencia quem passa por ela, só podemos ter uma noção de como ela seria, com base em experiências próximas a nós. Por isso, a morte não ocorre no fim da vida, mas enquanto se vive e, por isso, somos seres constantemente voltados para a

morte, vivemos em função dela. Para ele, a angústia perante a morte é o motor da vida, só vivemos porque iremos morrer um dia.

Na obra de Higgings, a melhor representação do ser para a morte seria Harold, que pode até ser visto como uma alegoria dessa concepção de Heidegger, uma metáfora. Seu histórico de suicídios forjados começou quando sofreu um acidente ao lado do laboratório de química de sua escola, envolvendo fogos de artifício. Depois de grandes explosões, conseguiu fugir e se esgueirar dentro de sua casa, para não incomodar a mãe, que estava dando uma festa.

– [...] Foi então que a campainha da porta tocou. Era a polícia. Inclinado no corrimão da escada ouvi quando diziam à minha mãe que eu morrera num acidente na escola. Não vi o rosto dela, mas sei que olhou para as pessoas à volta e desabou.

[...]

– Ela levou a mão à testa e estendeu a outra, como se procurasse um apoio. Dois homens correram para junto dela e então, com um longo suspiro, ela desmaiou nos braços deles.

Houve uma pausa prolongada.

– Decidi então – declarou, solene – que era bom estar morto. (HIGGINGS, 1972, pp. 87/88)

A partir desse momento, Harold redescobre a atenção, antes perdida, de sua mãe. É assim que ele começa a forjar seu próprio suicídio, totalizando 17 mortes, sem contar os insucessos. Dizia que a mãe começara a se acostumar, e que esse desafio deixava o processo mais interessante. Vivia sua vida inteira em função, não somente, mas também, da obtenção da atenção de sua mãe por meio de seus suicídios, por isso acostumou-se a nutrir admiração por qualquer manifestação de finitude. Viver em função da atenção da mãe era como viver em função da morte.

– [...] Eu não vivi – falou, triste, inspirando profundamente. De repente, deu uma risadinha. – Mas já morri algumas vezes. (HIGGINGS, 1972, p. 86)

O ser e a natalidade

Em contraponto estreito com a concepção de vida de Heidegger, Hannah Arendt, filósofa política alemã, traz uma nova ideia do que seria vida.

The miracle that saves the world, the realm of human affairs, from its normal, "natural" ruin is ultimately the fact of natality, in which the faculty of action is ontologically rooted. It is, in other words, the birth of new men and the

new beginning, the action they are capable of by virtue of being born. (ARENDT, 1958, p. 247)¹

Para ela, natalidade significa nascimento do novo, através da ação de vida - o “nascimento” seria o lugar onde é capaz de começar algo. Um novo homem, um novo começo, uma nova experiência. Arendt (1958) acreditava que “a única coisa que vivemos em função “de” é a própria vida”. A morte seria o fim desse lugar de constante recomeço, dessa possibilidade de mudança, porém é uma condição inerente ao ser, faz parte do processo biológico. Por ser claramente real, não é ela que nos convoca a viver: é a própria vida que nos convoca a viver, pois tudo já está destinado à destruição.

"If left to themselves, human affairs can only follow the law of mortality, which is the most certain and the only reliable law of a life spent between birth and death. It is the faculty of action that interferes with this law because it interrupts the inexorable automatic course of daily life, which in its turn, as we saw, interrupted and interfered with the cycle of the biological life process. The life span of man running toward death would inevitably carry everything human to ruin and destruction if it were not for the faculty of interrupting it and beginning something new, a faculty which is inherent in action like an ever-present reminder that men, though they must die, are not born in order to die but in order to begin." (ARENDT, 1958, p. 246)²

Arendt acredita que é a faculdade da ação que interrompe a lei de que tudo está destinado ao fim e, por meio dela, é possível driblar a destruição inerente a todas as coisas, ao começar algo novo (princípio da natalidade). Por isso, os homens, apesar de terem a morte como certeza, não é ela que dá sentido à vida, mas sim o recomeço.

Na obra de Higgings, Maude é a personagem perfeita para retratar o pensamento de Arendt. Além de procurar viver intensamente cada instante da vida, não vive em função da morte, mas do começo de novas experiências. Essa ideia é tão clara que Maude se suicida ao final da narrativa, porém não de

¹ "O milagre que salva o mundo, que é o domínio da condição humana, de sua ruína normal e “natural”, é essencialmente o ato da natalidade, no qual a capacidade de ação está ontologicamente enraizada. É, em outras palavras, o nascimento de novos seres humanos e de um novo começo; é a ação de que são capazes através da virtude do nascimento." (tradução livre por Vivian Zwar)

² "Se deixada entregue a si própria, a condição humana pode apenas seguir a lei da mortalidade, que é a lei mais correta e a única confiável de uma vida vivida entre o nascimento e a morte. É a capacidade de ação que interfere nessa lei por interromper o curso inexorável e automático da vida cotidiana, que é, por sua vez, como vimos, interrompida e afetada pelo ciclo do processo biológico da vida. A longevidade do homem que corre de encontro à morte inevitavelmente levaria tudo o que é humano à ruína e destruição, não fosse a capacidade de interromper e começar algo novo; capacidade essa que é inerente à ação, como um lembrete sempre presente de que o ser humano, apesar de ter que morrer, não nasceu para morrer, mas para começar." (tradução livre por Vivian Zwar)

tristeza, mas por acreditar já ter vivido o suficiente. É uma decisão na vida para a vida, pois morrer já era certo.

Logo no início da narrativa, Maude já deixa claro que, para ela, viver não é uma questão de quantidade:

– Eu acho que 75 [anos] é cedo demais – continuou a velhinha, de pé ao seu lado –, mas com 85 a pessoa já está passando da hora, e o melhor é seguir em frente de uma vez. (HIGGINGS, 1972, p. 24)

E como ela está em constante mudança e recomeço, vivendo em função disto:

– Ah, obrigada, Harold. Tente uma coisa nova diariamente, esse é o meu lema. Afinal, recebemos a vida para descobri-la. Ela não dura eternamente. (HIGGINGS, 1972, p. 54)

– [...] Experimente um bolo. É como fazer uma colagem com fotos de velhas revistas. Você reúne os ingredientes, mistura e pronto! Criou algo novo, algo diferente. De repente, você é alguém. Fez um bolo. (HIGGINGS, 1972, p. 56)

A forma como ela procura driblar a iminente destruição inerente à morte através da ação também aparece na narrativa.

– Então você concorda que vivemos sozinhos. E morremos sozinhos. Cada qual na sua cela. Maude olhou para a floresta.

– Suponho que sim, de certo modo. É por isso que precisamos tornar essas celas o mais agradável possíveis [...] cheias de bons livros, lareiras aquecidas e recordações. Mas, noutro sentido, pode-se sempre saltar o muro e dormir à luz das estrelas.

– Talvez, mas é preciso coragem.

– Por quê?

– Você não tem medo?

– De quê? O conhecido, eu conheço, e o desconhecido, gostaria de conhecer. (HIGGINGS, 1972, p. 77)

Em um determinado momento, esta é a resposta de Maude para Harold, após este dizer que “era bom estar morto” (segunda citação). A forma como ela o faz contempla a ideia de que não se vale a pena viver para morrer, como quem assiste a vida passar pela janela.

– Eu entendo. Às vezes, as pessoas gostam de estar mortas. Mas não estão na verdade. Só fogem da vida. São jogadoras, mas pensam que a vida é um treino e que

precisam poupar energia para mais tarde. Assim, instalam-se num banco, e o único campeonato a que vão assistir na vida se desenrola diante dos olhos. O relógio vai marcando de 15 em 15 minutos. A qualquer momento elas entram em jogo.

[...]

– Se não for assim, não terão nada para comentar no vestiário. (HIGGINGS, 1972: 88)

Por último, Maude deixa claro sua percepção de morte, não como finitude, mas como processo biológico inerente a cada ser, como uma certeza e, mais do que tudo, como uma nova experiência a ser vivenciada.

– Maude, por favor. Não morra. Eu não conseguiria suportar. Por favor, não morra.

– Mas Harold, começamos a morrer assim que nascemos. Que há de tão estranho na morte? Não é surpresa alguma. Faz parte da vida. É uma mudança. (...) Decidi faz tempo, a data. Achei que 80 seria um número redondo.

– Bem, morrendo exatamente, não – explicou Maude. – Estou me transformando. Assim como do inverno para a primavera. Claro que é um grande passo. (HIGGINGS, 1972, pp. 134 -137)

Troca de “papéis”

Podemos considerar Harold como um personagem completamente Heideggeriano, e Maude é uma personagem Arendtiana. Apesar de ser assim que o autor retrata, e apesar de comprarmos essa ideia ao ler a narrativa, quando levada ao âmbito do “real”, ou seja, da “não ficção”, ela torna-se impraticável para nós, impossível de acontecer, surreal. Porém, tendemos a ter essa concepção porque estamos inseridos numa sociedade que nos condiciona a acreditar que aquele que tem paixão pela vida é o jovem, e aquele obcecado pela morte, é o idoso.

Contudo, isso ocorre devido a grande necessidade da sociedade em rotular tudo e qualquer coisa, quando, na verdade, deveríamos nos debruçar sobre o dever latente da desestigmatização de papéis. Ao rotularmos, limitamos todo o potencial do ser, ou seja, tudo aquilo que ele poderia se tornar, caso ele quisesse. E isso ocorre com uma força muito grande ao aproximarmo-nos da velhice, que é coberta de restrições, não só biológicas, mas também sociais.

Considerações finais

Como vimos, na perspectiva fenomenológica existencial sobre o que é vida, o ser humano, independente de sua idade, é infinito e ilimitado, quando analisado

no âmbito de suas vontades, seus desejos e de suas convicções pessoais. Porém, como qualquer fator social, o jovem e o idoso carregam definições intrínsecas à sociedade, como aquele que tudo pode e tudo quer, e aquele que espera o fim tão próximo – quando, na verdade, ele sempre esteve próximo, pois a definição de ser vivente é sua possibilidade de findar.

Dessa forma, tomando como base a história um tanto quanto fantástica – para nós, imersos nesse contexto delimitador –, podemos procurar olhar a vida e, principalmente, a velhice com outros olhos: como uma fase da vida que, assim como todas as outras e apesar de todas as suas restrições biológicas, vale a pena ser vivida e aproveitada.

Podemos nos propor a mudar essa visão da velhice e da juventude. Este carrega uma pressão muito grande por dever sempre mostrar-se detentor desse ímpeto constante pela vida. É claro que ninguém, nem mesmo o jovem mais “jovem” de todos, ou o idoso mais “idoso” de todos possuem uma constância dessas normas sociais.

– Acho que elas são todas iguais – respondeu ele, em voz baixa.

– Ah, mas não são! Veja!

E levou-o para um canteiro de margaridas.



– Está vendo? Algumas são menores, outras mais gordas, outras crescem para a esquerda, outras para a direita, e outras têm pétalas faltando [...] Uma grande variedade de diferenças [...] Cada pessoa é diferente, nunca existiu uma igual a ela, nem jamais existirá. – Colheu uma margarida. – Um indivíduo.

Sorriu e ambos levantaram-se.

– Bem – disse Harold, pensativo – talvez sejamos indivíduos, mas temos que crescer todos juntos – acrescentou, relanceando o olhar para o campo.

– É bem verdade – murmurou Maude. – Ainda assim, acredito que grande parte da tristeza do mundo resulta de gente que sabe que é assim – Ergueu a margarida – e, no entanto, permite ser tratada assim. (HIGGINGS, 1972, p. 59)

Referências

ARENDT, H. *The Human Condition*. Chicago, 1958. Acesso em 17/05/2014. Disponível em http://sduk.us/afterwork/arendt_the_human_condition.pdf

HIGGINGS, C. *Ensina-me a Viver*. Rio de Janeiro: Editora Bestbolso, RJ 1972.

IMAGEM 1. Acesso em 17/05/2014. Disponível em <http://www.fotolog.com/apinnola/57321621/>

IMAGEM 2. Acesso em 17/05/2014. Disponível em <http://186-192-129-209.static.silicom.com.br/fotos-142-ensina-me-a-viver.htm>

REIS, J. O Tempo em Heidegger. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 28, 2005. Acesso em 17/05/2014. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/o_tempo_em_heidegger

WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. Acesso em 17/05/2014. Disponível em <http://www.livros-digitais.com/oscar-wilde/o-retrato-de-dorian-gray/296>

Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.

Bruna Martins Nunes - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: bruna.martins.nunes@globo.com

Luciana Helena Mussi – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: lucianahelena@terra.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduated em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br